

# FÁBRICA DA LISTA: UM DISPOSITIVO ENTRE MEMÓRIA E COMEMORAÇÃO <sup>8</sup>

*Viviane Couzinet*

## Introdução

As listas em documentação e biblioteconomia são dispositivos de mediação e representação da produção científica ou literária. Elas têm uma função memorial, especialmente se considerarmos a missão principal das bibliotecas, que é preservar o conjunto da produção de livros, estendida às obras escritas editadas, e cujo vetor essencial é o depósito legal. Os estoques assim acumulados levantaram o problema da definição de sua organização e informação ao público. Isso levou à criação de listas, “uma série de nomes ou coisas listadas umas após as outras” (Rey, 1995: 1135) (1), que são mais ou menos elaboradas e têm como objetivo fornecer uma visão geral condensada de tudo o que está presente em um determinado lugar. Dessa forma, nas bibliotecas, essas listas também são testemunhos concretos da produção intelectual.

No início do século XX, Paul Otlet e Henri Lafontaine começaram a elaborar uma lista de assuntos cobertos pela produção documentária, acreditando que o compartilhamento de conhecimento levaria à paz mundial. Esse trabalho se concretizou com o desenvolvimento da Classificação Decimal Universal

---

<sup>8</sup> Originalmente publicado em: COUZINET, V. Fabrique de la liste : un dispositif entre mémoire et commémoration. II Jornada Científica Internacional da Rede Mussi. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT-UFRJ, ICICT/FIOCRUZ, 2012.

Tradução da autora.

Revisão de Martha Suzana Cabral Nunes.

(CDU), que possibilita encontrar documentos usando uma combinação de índices que representam seu conteúdo. Paralelamente, eles compilaram descrições bibliográficas de obras e começaram a construir a Cidade Mundial do Conhecimento.

Outras listas, consideradas de natureza essencialmente comemorativa de eventos são encontradas em locais públicos (praças, avenidas, prédios públicos, como sedes de estações ou prefeituras, por exemplo). Elas listam os nomes de “heróis” “mortos pela pátria”, títulos que aparecem especialmente em monumentos aos mortos nas guerras mundiais. Essas listas se chocam violentamente com aquelas elaboradas pelos pais da CDU. Mas será que elas não podem ser comparadas? Podemos, por meio delas, esclarecer o que é uma lista como um objeto mediador do conhecimento?

Considerando que esse objeto pode ser visto como um dispositivo com uma função memorial e uma função comemorativa, sendo que as duas podem estar vinculadas em determinadas situações que revelaremos, nós o posicionaremos nos trabalhos desenvolvidos nas ciências da informação e da comunicação para questionar o lugar e o papel atribuídos a elas nos reservatórios de memória. Analisaremos a maneira como esse objeto é criado e o que ele busca criar. A reflexão conduzida aqui faz parte do trabalho coletivo de uma equipe de pesquisa que desenvolve trabalhos sobre mediação especializada, que trabalhou com seus parceiros para definir conceitos que ela considera como fundadores da disciplina (2). Ela também é resultado de um workshop realizado na conferência *Edition et publication scientifique en sciences humaines et sociales : forme et enjeux*, realizada na Université d'Avignon et des pays du Vaucluse (França) em março de 2010.

## **Listas: a abordagem das ciências da informação e da comunicação**

### **Listas e bibliógrafos**

Se os conservadores, guardiões e gestores de repositórios de memória - bibliotecas, museus, arquivos -, são criadores e redatores de listas, essa atividade é tão antiga quanto a escrita. A enumeração de objetos, nomes e contos foi, com efeito, um dos primeiros usos da escrita (Goody, 1979). As listas de que falaremos aqui são o que Umberto Eco chama de listas “práticas”, nas quais ele inclui “a lista de compras, a lista de convidados em uma festa, o catálogo de uma biblioteca, o inventário de objetos em qualquer lugar (escritório, arquivo, museu), a enumeração de bens em um testamento, uma fatura de mercadorias a serem pagas, um cardápio de restaurante, uma lista de locais em um guia turístico, até o dicionário, que registra todas as entradas no léxico de um dado idioma”, em oposição à lista “poética”, que designa “toda finalidade artística [...] qualquer que seja a forma de arte que a expresse” (Eco, 2009), à qual ele dedicou um livro por ocasião do evento *Vertige de la liste* no Musée du Louvre em novembro de 2009. Com ele, nós entendemos por “lista prática” as listas que têm uma função referencial, referindo-se a objetos externos “realmente existentes e conhecidos” que elas nomeiam e enumeram; “elas são finitas”, referem-se apenas a objetos “fisicamente presentes em qualquer lugar” e não podem ser alteradas na medida em que não é possível acrescentar um objeto ausente do lugar (Eco, 2009). No contexto desta pesquisa, “lista” serve para designar essas listas práticas.

As bibliografias, como inventários da produção escrita estão entre as listas mais antigas. A elaboração de listas fundamentadas de livros constitui, com efeito, o trabalho essencial do bibliógrafo. A atividade consiste em escrever entradas e classificá-las de acordo com regras preestabelecidas (Richter, 2007). Embora o termo bibliografia, de acordo com sua etimologia - *biblion*: livro e *graphein*:

escrever - tenha sido por muito tempo reservado para esse tipo de suporte documental e, de modo mais geral, para o material impresso (Malclès, 1984), a descoberta do catálogo sistemático de manuscritos da Biblioteca de Alexandria, elaborado por Calímaco no século III a.C., mudou o significado do termo. Para Pierre Frieden, esse foi um dos primeiros catálogos bibliográficos (Frieden, 1934). Portanto, “bibliografia” refere-se a uma lista de livros impressos ou manuscritos. Vinculada a um lugar particular, como uma biblioteca, um museu ou até mesmo uma loja, ela inventaria os objetos em um tempo determinado, com o para emprestá-los, conservá-los ou vendê-los; ela se torna um catálogo, e a atividade que a cria é a catalogação.

O significado de “catálogo” também evoluiu. Se ele sempre tenha se referido a uma sucessão de descrições mais ou menos detalhadas, e se ele sempre tenha tido uma dimensão espacial e temporal - o catálogo da *Bibliothèque Nationale de France* lista tudo o que está na biblioteca desde a sua fundação, ou o catálogo de uma loja de roupas por correspondência lista o que ela propõe para uma determinada estação e, portanto, o que tem em estoque naquele momento - o suporte passou de descrições em cartões de papelão, inseridos em gavetas, a obras impressas ou digitais. Agora é possível difundí-los mais amplamente e aumentar o número das ilustrações. As ilustrações, que já estão presentes em catálogos de exposições ou catálogos de lojas de roupas, agora também estão presentes em sites de catálogos de livrarias.

O termo bibliografia também foi estendido às listas de documentos eletrônicos textuais (Provansal, 1997). Os diretórios bibliográficos impressos são, na verdade, os ancestrais dos bancos de dados on-line ou digitais. Eles listam o que contém um fundo documental. Deve-se observar, no entanto, que embora as técnicas antigas ainda sejam usadas - listagem, descrição, classificação - elas podem ser acompanhadas por objetos documentais que não sejam documentos escritos, o que as diferencia das bibliografias propriamente ditas (Couzinet, 2011).

## Lista e pesquisa científica

A “bibliografia” também é usada em um segundo sentido para designar a lista dos documentos consultados para apoiar e produzir um texto. Fortemente presente ao longo do caminho científico, tanto na abordagem empírica quanto na abordagem hermenêutica. Ela serve de referência para delimitar o campo de estudo e contribui para a construção do objeto de pesquisa, as hipóteses iniciais, o desenvolvimento da argumentação, a validação dos resultados e sua interpretação (Provansal, 1997). Colocada no final dos escritos acadêmicos e de pesquisa, pode ser definida como a elaboração de “estoques ordenados [...] de referências aos documentos” (PrévotEAU, Utard, 1995).

Para os primeiros diretórios bibliográficos a entrada privilegiada era dos autores. A listagem da produção escrita de autores é complementada por textos que traçam sua biografia, o contexto de sua produção, além de trazer um olhar crítico da obra e, às vezes, de seu impressor ou editor. Essa contribuição, que é acompanhada de análise ou crítica, define categorias designadas como “bibliografia analítica” e “bibliografia crítica ou fundamentada”. Alguns especialistas, como Louise-Noëlle Malclès, consideram que o trabalho do bibliógrafo é o de um historiador do pensamento e da cultura. Ele é, de fato, impulsionado pelo projeto de criar verdadeiras memórias da produção intelectual. Com base tanto no censo e, portanto, na precisão que ele exige – “reconhecer [...] inventariar, descrever, avaliar e classificar” (Richter, 2007) – e sobre o enriquecimento proporcionado pelas anotações, ele é considerado uma “ciência das ciências” ou uma ciência auxiliar da história.

Parece-nos que, em sua forma antiga, os diretórios bibliográficos podem ser um material útil para a constituição da história das ciências, da história da cultura e da história da literatura. Nas ciências da informação e da comunicação, eles também são uma ciência auxiliar dessa disciplina, na medida em que sua elaboração requer a definição de normas de descrição e de

condensação do conteúdo, como parte das técnicas documentais, e também requer uma reflexão crítica sobre os avisos e os textos que os acompanham. Eles também são um dos materiais que podem ser usados para estudar a como se faz a difusão dos conhecimentos e para estudar a comunicação científica em uma perspectiva histórica.

Ademais, como evidência da progressão da produção escrita e das atividades editoriais e de impressão, os diretórios bibliográficos são “seres culturais” (Jeanneret, 2008) que permitem acompanhar o desenvolvimento das ciências ou das técnicas em um determinado contexto. Como tal, eles são de interesse não apenas para a história das ciências e das técnicas, mas também para as ciências da informação e da comunicação. Por meio deles, podemos analisar a progressão da atividade bibliográfica, sua complexidade, sua industrialização, sua pretensão técnica à universalidade ou ainda, para citar apenas alguns caminhos possíveis, sua automação. Eles também podem ser, igualmente, objeto de estudo.

Em sua forma mais recente e computadorizada, os diretórios bibliográficos tornaram-se o que é conhecido na documentação como bancos de dados. Inicialmente elaborados para permitir a ampla difusão de informação especializada em ciência e técnica, eles tiveram por vocação servir à pesquisa científica e industrial. O desenvolvimento dos métodos de análise bibliométrica, que permitem os utilizar em uma perspectiva biblioteconômica, para tomar decisões sobre assinaturas de periódicos por exemplo, permite também indicar as posições ocupadas pelos autores em colaborações internacionais, se seu trabalho pertence a temas centrais ou emergentes, e para destacar os vínculos que se estabelecem com o setor industrial. Portanto, eles são um dos materiais da sociologia da ciência e da comunicação científica. No entanto, estamos testemunhando uma mudança, facilitada por análises infométricas automatizadas, do papel de intermediário a serviço da pesquisa para o de uma ferramenta de avaliação da produção científica e, por meio dela, dos pesquisadores.

Esses poucos exemplos mostram a importância da constituição de listas, pois elas desempenham um papel auxiliar na pesquisa científica. Nas ciências da informação e da comunicação, elas não apenas revelam a existência de objetos informacionais, mas também oferecem possibilidades para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa, especialmente se forem analisadas como dispositivos.

## **Lista e dispositivo info-comunicacional**

Após o lançamento de uma edição temática da revista *Hermès* dedicada ao dispositivo (*Le dispositif, entre usage et concept*, n. 25), publicada em 1999, reunimos pesquisas que visam estabelecer a noção nos processos informacionais (Couzinet, 2009). A definição proposta nessa edição - um dispositivo é um arranjo de elementos, faz parte de um projeto e, portanto, tem uma missão a cumprir, está inserido em uma situação que exerce restrições sobre ele, está ligado a conjuntos de objetos que podem ser eles mesmos considerados dispositivos - acrescentamos que ele pode carregar informações latentes que podem ser transformadas pela ação de um sujeito em conhecimento e que ele responde a missões e desafios. Em seus aspectos informacionais, a noção de dispositivo tem uma dimensão cognitiva, dependente de sua dimensão social, e que o posiciona na esfera primária ou secundária, ou o relega ao papel de ferramenta, em função de suas possibilidades de uso. A lista está entre elas, como mostram os dois exemplos a seguir.

A nacionalização ou o confisco dos bens das congregações religiosas, corporações universitárias e emigrantes que haviam fugido da Revolução Francesa, deram ao Estado uma massa de documentos que ele precisou inventariar. O *Bureau central bibliographique* especificou as regras de descrição, treinou catalogadores e distribuiu esses fundos para as bibliotecas (Malclès, 1984). As listas de inventário elaboradas dessa forma, com base em técnicas bibliográficas, são os elementos de um dispositivo investido de uma missão de interesse nacional.

O lugar do autor tornou-se secundário, e o trabalho individual e manual, que tendia à exaustividade e era realizado de maneira artesanal, tornou-se gradualmente coletivo e baseado em regras de escrita mais estáveis. À medida que o volume de documentos aumentava sem cessar, tornou-se necessário desenvolver ferramentas para recuperar seu conteúdo. Isso levou à produção de outras listas baseadas em palavras como as menores unidades significativas (Sistema de Mortimer Taube conhecido por *Uniterm System*). Em seguida, para melhorar o desempenho do sistema de recuperação, os primeiros tesouros surgiram por volta de 1955. Combinando expressões e palavras, lista alfabética, lista permutada e lista hierárquica, e ligadas entre elas por relações semânticas e hierárquicas, eles responderam à necessidade de conhecer sobre a existência e de acessar uma informação cada vez mais especializada. Eles fazem parte do movimento de desenvolvimento da circulação da informação, donde a expressão "informação científica e técnica", nasce e se desenvolve nos Estados Unidos após o que chamamos de primeiro choque informacional (Macedo Kerr Pinheiro, Thiesen, Couzinet, 2008).

Os bancos de dados, a forma informatizada de bibliografia, acentuam a mudança ocorrida no século XIX com a difusão dos saberes. A entrada por conteúdo, expressa com a ajuda dos descritores de um tesouro, tornou-se primária. O trabalho computadorizado era seletivo e ocorria em grandes empresas (Such, Pérol, 1987), algumas das quais eram multinacionais. A partir de então, os índices alfabéticos no final das bibliografias manuais foram substituídos por uma multiplicidade de campos pesquisáveis e por uma ferramenta de pesquisa, o tesouro, considerado mais eficaz do que uma classificação.

Além de elaborar a lista de produção científica, outras listas precisam ser projetadas. As possibilidades oferecidas pela informatização permitem que novas listas podem ser produzidas automaticamente, dependendo do campo consultado (lista de autores, lista de fontes, por exemplo). Essa sobreposição de listas e, portanto, de dispositivos, constitui o dispositivo de circulação da



informação científica e técnica. O que está em jogo é, portanto, permitir o desenvolvimento da pesquisa e da indústria, seja em nível mundial ou de um país, mas também garantir a supremacia econômica de determinados grupos.

Portanto, parece-nos que a definição de “lista” nas ciências da informação e da comunicação não pode se limitar, mesmo que essa designação seja conveniente para definir uma categoria, às três características enunciadas por U. Eco. Parece-nos necessário introduzir na definição as missões que lhe são atribuídas e os jogos que ela desempenha em um determinado contexto. Isso nos levou a refletir sobre suas funções.

## Questões de listas

### A lista nos lugares de memória

Se até meados do século XVII, “o historiador tinha por tarefa estabelecer o grande compêndio de documentos e sinais” (Foucault, 1966: 142), a elaboração de listas foi posteriormente estabelecida como uma ciência auxiliar da História (Frieden, 1934). Nós a apresentamos aqui também como uma ciência auxiliar das ciências da informação e da comunicação. A composição de listas, cuja forma mais completa é o diretório bibliográfico, uma expressão que se refere ao conteúdo e, portanto, é aplicável tanto ao suporte impresso quanto ao suporte digital, é o dispositivo que inventaria os elementos que compõem um todo. A atividade de constituição dessas listas é uma atividade de revisão das fontes disponíveis das quais os pesquisadores podem extrair as informações. O local físico em que elas são armazenadas é a biblioteca ou os prédios dos arquivos.

O termo “biblioteca”, em sua origem latina, *bibliotheca*, refere-se à sala onde os livros são armazenados. Em sua origem grega, *bibliothèkê* (de *biblion*, livro, e *thèkê*, baú, caixa onde se deposita qualquer coisa) refere-se a um alojamento para um livro, um depósito (Rey, 1995). A palavra *bibliotheca* também é usada

para designar diretórios bibliográficos (Malclès, 1984) em concorrência, entre outras palavras, com *catalogus*. Dessa ideia de sala, ou repositório, e de sua conexão com a missão atribuída ao bibliotecário como curador, o mais alto grau dessa profissão na França, ligada à obrigação de depositar toda a produção editada na *Bibliothèque nationale*, deriva seu papel como repositório, um lugar de memória, entendido aqui como um lugar cuja vocação é conservar toda a produção intelectual e produzir dispositivos técnicos capazes de torná-la disponível. A bibliografia, o catálogo ou a simples lista de inventário são, então, os artefatos documentais, os intermediários secundários, que enunciam essa disponibilidade.

Os arquivos, como um local “responsável pelo controle da conservação dos arquivos correntes, pela conservação ou pelo controle dos arquivos intermediários; pela conservação, ordenação, classificação, inventário e comunicação dos arquivos definitivos” (INTD-ER, Boulogne, 2004) e como um local para o depósito de documentos oficiais, de documentos públicos (de autoridades locais) ou documentos privados (de famílias ou indivíduos), também são um local de memória dos traços documentais primários do passado. Os serviços dos arquivos são responsáveis por gerenciar essa memória histórica produzindo, também, os intermediários secundários.

Pode-se fazer uma aproximação com outros locais que também produzem diretórios, inventários e catálogos sob várias formas. Os museus de arte, ciências, indústria ou da vida cotidiana também são também locais de conservação. Eles ajudam a construir memórias especializadas.

## **A Lista nas redes**

Com o desenvolvimento do uso de redes de acesso à informação, os repositórios justapostos são produzidos por motores de busca capazes de fornecer listas de notícias em que a falta de preocupação com a qualidade da informação se expressa

no grande número de respostas redundantes ou truncadas dadas a uma pergunta. O objetivo de tal sistema parece agora ser outros: garantir uma supremacia? Parecer inevitável? Satisfazer interesses econômicos? A memória do mundo circula nas redes a partir de listas de inventário elaboradas por diferentes operadores, que podem ou não ser repetidas e padronizadas, raramente enriquecidas com algo além de contagens de citações ou números de acessos para estabelecer pontuações. Ao contrário do que parece, esses novos dispositivos exigem um grande domínio das técnicas documentais, em especial a avaliação das fontes e dos conhecimentos sobre os modos de produção e circulação da informação. De fato, um dispositivo pode esconder outro.

O desvio dos bancos de dados, acima mencionado, para avaliação dos pesquisadores, transformou as práticas científicas. Os editores de periódicos estão propondo suas próprias classificações. Para garantir sua presença nos sistemas internacionais de avaliação, alguns chegam ao ponto de impor a citação das referências das revistas que eles editam. Como a difusão do conhecimento se tornou uma atividade industrial, os riscos econômicos são altos. Portanto, publicar em uma das revistas mais bem classificadas de uma lista pode servir a outros interesses que não o desenvolvimento da ciência.

Alguns diretórios listam mídias de informação para fins de intercâmbio, usando apenas o suporte como critério. Esse é o caso, por exemplo, do *Ulrich's International Periodical Directory*, disponível nas redes. Essa é uma descrição de todos os periódicos internacionais e, portanto, uma indicação de sua existência. Os critérios para inclusão na lista não têm nada a ver com avaliação científica ou indexação documental. O mesmo se aplica aos periódicos incluídos no Inventário Permanente de Periódicos Correntes (IPPEC), que também era uma ferramenta usada por profissionais de documentação para localizar os lugares onde os periódicos estão disponíveis e para responder as solicitações de empréstimos entre bibliotecas.

Outros sistemas oferecem uma abordagem mais detalhada. O Latindex, por exemplo, um sistema de informações *on-line* para periódicos científicos da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal, oferece duas listas com várias entradas possíveis (tema, região, país, título). Cada lista é composta por fichas descritivas de periódicos, que são divididas entre as que compõem a lista de periódicos e as que compõem o catálogo. Este último, composto por 6270 títulos, em comparação com 20910 para o outro (3), baseia-se em uma análise realizada por uma rede de documentalistas, que, portanto, fazem uma distinção que nem sempre é aparente para os não iniciados.

As listas de redes usadas pelos pesquisadores não são imunes ao tráfico de influência e ao uso indevido. No entanto, todas essas listas são memórias que podem ser usadas para pesquisas particulares se o usuário tiver entendido claramente sua finalidade e seus objetivos.

### **Lista, arquivos abertos e portais**

O convite urgente dos presidentes das universidades francesas para participar da lista de classificação mundial, conhecida como lista de classificação de Xangai, levou ao depósito generalizado da produção científica em sistemas de arquivos abertos. Esses sistemas facilitam a localização das diversas publicações produzidas ou em andamento. Algumas universidades criaram seus próprios arquivos, mas o mais importante e quase indispensável é o do *Centre pour la communication directe* do *Centre national de recherche scientifique* (CNRS). O HAL (*Hyper articles en ligne*) recebe trabalhos publicados e não publicados em seu texto completo. Assim, as universidades podem, se desejarem, elaborar relatórios e listas. Entretanto, estão surgindo projetos menos extensos com controles mais rígidos sobre as formalidades de arquivamento. Arquivo aberto *Open Archive-Toulouse-archives ouvertes* (OATAO) é um grupo de instituições que criaram um repositório comum e que é controlado por documentalistas. Os

documentalistas dão suporte aos pesquisadores durante todo o processo de depósito e os ajudam a resolver quaisquer questões legais. Registros automáticos estão previstos no HAL.

Ao mesmo tempo, os portais de periódicos oferecem artigos com texto completo. O Persée, por exemplo, concentra-se em periódicos das áreas de ciências humanas e sociais e é vinculado ao Ministério de Educação Superior da França. Ele foi criado pela Université Lumière (Lyon 2) em conjunto com a federação de pesquisa *Maison de l'Orient et de la Méditerranée* e o *Centre informatique national de l'Enseignement supérieur*. Ele tem uma função patrimonial. Ele recebe e gerencia o texto completo das edições mais antigas, deixando para outro portal, como o *revues.org*, o gerenciamento das edições mais recentes. Esse último, desenvolvido pelo *Centre pour l'édition électronique ouverte* (CLEO), uma plataforma de recursos para pesquisa em ciências humanas, reúne o CNRS, a Ecole des hautes études en sciences sociales, a Université de Provence e a Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse.

Essas várias ferramentas podem oferecer serviços complementares (calendários de eventos científicos, chamadas para artigos etc.) e, portanto, agregar valor ao armazenamento e ao acesso aos textos. Os produtos documentais oferecidos, na forma de listas, tiram o periódico de seu isolamento nas redes. Eles proporcionam a ele um ambiente baseado na atividade do pesquisador, que o torna parte de uma família disciplinar, que o coloca dentro de um todo, um dispositivo, que não é apenas um meio de tornar visível o conhecimento produzido pelo pesquisador, mas que também é uma de suas ferramentas de trabalho (Senié-Demeurisse, Roux, Couzinet, 2007).

Nesta etapa de nossa reflexão, é possível propor um esboço de tipologia de listas. Ela leva em conta a dimensão técnica de sua produção.

## **A fábrica de listas**

### **Forma e suporte da lista**

Uma lista, organizada em ordem alfabética dos títulos dos escritos, pode parecer simples. Entretanto, essa simplicidade é apenas aparente, pois sua criação pode ser o resultado de um processo de seleção. Essa seleção pode ter exigido o estabelecimento de um critério de discriminação ou uma combinação de critérios de discriminação. Portanto, ela responde a um objetivo definido em um determinado contexto, que exigirá recursos humanos e técnicos para sua implementação. Algumas das listas de periódicos produzidas pela Agência Francesa de Avaliação da Pesquisa e do Ensino Superior (AERES), que abrangem o escopo de uma disciplina, estão nessa categoria (4).

Assim, a organização alfabética de um conjunto de títulos esconde o trabalho envolvido no desenvolvimento de uma ferramenta de coleta de dados precisa e uma análise que atribua peso a cada critério e os coloca em um conjunto que deve fazer sentido em relação à função desejada estabelecida no início. Em outras palavras, os critérios só são válidos quando considerados como um todo e como parte de um projeto.

Uma lista organizada é baseada em uma hierarquia entre os objetos citados. Como esses objetos estão em constante evolução, a estabilidade é relativa ao objetivo que está sendo buscado e ao seu contexto. Hierárquica, ela hierarquiza por sua vez.

A lista indexada, por outro lado, baseia-se no conteúdo, é de interesse de uma comunidade identificada e atende a determinados critérios. Nem todos os métodos de indexação são iguais. Por exemplo, a lista de artigos indexados publicada em um banco de dados documentais tem um alto valor agregado. Ela deu lugar a um trabalho de seleção e de análise minucioso, de acordo com a tradição do trabalho bibliográfico, e é destinada a um público altamente especializado (Couzinet, 2012). O resultado dessa reescrita é o que é conhecido na documentação como um

documento secundário, que podemos qualificar como um dispositivo secundário de informação. A indexação em questão aqui é, portanto, uma indexação seletiva. Uma lista de periódicos indexados pode ser elaborada posteriormente a partir desse trabalho, mas a indexação também pode ser realizada a partir de uma lista elaborada previamente.

Outras listas, disponíveis nas redes, são baseadas na coleta indiscriminada de registros em locais que não necessariamente fazem uma seleção. Elas são destinadas a um público amplo, que fica com a delicada responsabilidade de selecionar seus próprios registros sem necessariamente ter as ferramentas para isso.

As listas mais elaboradas requerem o uso de técnicas documentais. A elaboração de uma lista bibliográfica requer a realização de uma pesquisa, levando em conta o objetivo a ser alcançado. Ela pode ser temática, estar relacionada a um período específico ou a uma área geográfica, ter o objetivo de ser exaustiva ou, ao contrário, ser seletiva. As normas internacionais ou nacionais (5) especificam as regras para a redação de notas descritivas. A descrição se aplica ao suporte, que ela permite dar valor, ou ao conteúdo. As análises são usadas para resumir, comentar e indexar os documentos, destacando assim seu valor. A classificação, elaborada de acordo com os procedimentos usuais para esse tipo de organização, visa dar ao diretório uma coerência interna, de acordo com o objetivo perseguido (Couzinet, 2011). Os índices são incluídos para aumentar o número de chaves de acesso e facilitar o uso pelos leitores (Meyriat, 1993). As publicações podem se fazer de formas diferentes: livros, apêndices, periódicos ou “no modelo do American Cumulative Book Index, que consiste em reproduzir listas previamente publicadas em publicações semanais ou mensais” (Frieden, 1934).

Até o momento, tratamos apenas de listas de objetos documentais escritos, mas existem outras formas, elas podem ser compostas de pictogramas, diagramas, tabelas de cores, mas também de inventários de vários objetos. Esse foi o caso das listas da prefeitura elaboradas em 1840 a pedido de Prosper Mérimée

para identificar monumentos que mereciam ser restaurados, dando-lhes, assim, um status patrimonial (Frayssé, 2008). Da mesma forma, Sabine Roux, em sua tese sobre documentos de viagem (2012), destaca o interesse das listas de objetos trazidos pelos viajantes, acompanhadas de amostras desses objetos (animais naturalizados, utensílios de uso diário, plantas secas, minerais). A razão da existência dessas listas é justificada pela função que elas ocupam em uma dada sociedade. Portanto, a dimensão técnica não é suficiente para defini-las.

### **A lista como memória**

A lista tem uma dimensão memorial. Se ela elabora um inventário da memória,

a preservação cada vez mais completa da palavra escrita, o estabelecimento dos arquivos, sua classificação, a reorganização das bibliotecas, a elaboração de catálogos, diretórios e inventários representaram, no final da era clássica, mais do que uma nova sensibilidade ao tempo, ao passado, à espessura da história, uma forma de introduzir na linguagem já depositada e em uso, uma nova dimensão da memória, mais do que uma nova sensibilidade ao tempo, ao seu passado, à espessura da história, uma maneira de introduzir na linguagem já depositada e nos traços que ela deixou uma ordem do mesmo tipo da que se estabelece entre os vivos” (Foucault, 1966, p. 143-144)

ela é também a memória. É assim que os cientistas da computação se referem ao estoque de dados correspondentes ao tratamento de objetos mantidos dentro das paredes da biblioteca, centros de documentação, arquivos e museus.

Para além da designação técnica, não podemos considerar que a bibliografia, o catálogo ou outras listas menos elaboradas são intermediários que, ao afirmarem a existência e a disponibilidade



da memória, dão-lhe vida? A memória, como um conjunto de lembranças, só pode existir se for acompanhada do que faz as pessoas se lembrarem, e o que faz as pessoas se lembrarem contribui para a construção e a manutenção da memória. O catálogo da biblioteca é a lembrança e o testemunho da produção intelectual acumulada em seus repositórios. O mesmo acontece com as prateleiras da biblioteca, que, por meio da distribuição organizada dos livros que apresentam ao leitor, não são a organização do universo, são o modelo do universo. É o que pensa o bibliotecário responsável pelos livros raros da Biblioteca Houghton da Universidade de Harvard: “In the stacks of the Library (this or any other), I have the distinct impression that its millions of volumes may indeed contain the entirety of human experience: that they make not a model for but a model of the universe” (Battles, 2003, p. 6). (6)

Outra dimensão memorial da lista está na capacidade que ela dá de memorizar, de colocar na memória, para usar a expressão profissional, ao permitir “o registro, o armazenamento, a conservação e a restituição de dados” (INTD-ER, Boulogne, 2004). Ao oferecer a possibilidade de recuperação, ela oferece a possibilidade de não esquecer. Como auxílio à memória, ela é também a memória. Pode-se dizer que a nacionalização das bibliotecas particulares e das bibliotecas de congregações religiosas durante a Revolução Francesa e a redação de inventários de seus fundos criaram a memória das bibliotecas da República. Com elas, foi organizada a conservação de outras listas: a das queixas do povo, do estado civil, que registra na ordem cronológica as filiações, nascimentos e mortes, por exemplo. Mas outras listas as precederam, como as que descrevem a propriedade no Languedoc (área de superfície, tipo de cultura - pastagem, vinhedo -, prédio, localização) no *compoix*, que foram sucedidas pelos registros de terras (*registres du cadastre*), onde a representação gráfica predomina, ou os *mercuriales*, que listam as quantidades de produtos agrícolas vendidos nos mercados e os preços cobrados. Todas essas listas testemunham a atividade econômica, a demografia, a distribuição

de propriedades, moradias e colheitas. A existência desses testemunhos depende de serem listados e inventariados em uma ordem precisa. Essa ordem é uma representação da memória e de um certo “dever de lembrar” em relação aos autores que puderam registrar dados para permitir, masi tarde, o progresso do conhecimento.

Fazer a lista é fazer a lembrança, fazer a memória, expressar o testemunho. No entanto, a lista é humilde diante dos objetos que cataloga, e poderíamos dizer dela o que foi dito dos cartógrafos, documentalistas, enciclopedistas e popularizadores, que eles são muito importantes porque eles permitem a passagem, mas que ele “está na ordem das coisas que esqueçamos esses pacientes condutores dos pensamentos, para reter apenas o brilho das obras-primas e o sucesso dos best-sellers” (Jeanneret, 2011, p. 32). Não podemos deixar de pensar em outros dispositivos compostos por listas gravadas em pedra, cujo objetivo é sair do esquecimento, e que reencontramos em comemorações.

### **A lista como comemoração**

Paul Otlet era um pacifista convicto e um militante. Entre as duas guerras mundiais ele desenvolveu, juntamente com Henri Lafontaine, a Classificação Decimal Universal, que incorpora uma visão mundialista da documentação. A lista de assuntos, seu modo de representação hierárquica e seu índice alfabético organizaram a memória mundial do conhecimento nas bibliotecas com o objetivo de manter a paz. Em contraste, em uma tentativa de cumprir outro dever de memória, outras listas “tentam prestar homenagem aos protagonistas [de guerras], lutar contra o esquecimento e transmitir seus valores” (Gellereau, 2006b).

As listas com os nomes dos soldados desaparecidos são gravadas nos monumentos aos mortos como “evidência na luta contra o esquecimento” (Gellereau, 2006 a). A dimensão memorial da lista é tanto um lembrete quanto um meio de homenagear publicamente os desaparecidos e uma marca do apoio da

comunidade às famílias em seu “processo de luto”. A comemoração do fim das guerras também é uma forma de aumentar a conscientização. A colocação de coroas de flores, o toque dos sinos e os discursos das autoridades locais em frente à lista fazem parte da comemoração, que ganha vida nesses dias. Integrada à paisagem urbana, ela é esquecida no resto do tempo. Entretanto, algumas comunas fazem um esforço especial para manter os monumentos e dar a eles um lugar central na transmissão de valores. Por exemplo, a comuna de Sainte Foy de Peyrolières, na região de Midi-Pyrénées, contratou um artista local para restaurar a lista e a estátua do soldado em frente a ela. O artista se esforçou para reproduzir as dobras e os movimentos das roupas, recompondo as cores com base em pesquisas sobre o uniforme da época, trabalhando nas expressões faciais e repetindo cada letra dos nomes em exibição. Essa transição da pintura antiga, feita por um funcionário municipal, para a de um artista que conseguiu dar vida a um rosto em frente a uma lista de nomes que agora são legíveis, aumenta a carga emocional. A contextualização e o aprimoramento da lista, bem como o interesse demonstrado pelos tomadores de decisão na restauração, assumem toda a sua importância aqui.

Dominique Trouche (2010) destaca a importância da encenação nos locais históricos das guerras mundiais, e acreditamos que isso também pode ser encontrado na encenação da lista. O objetivo é apelar, fixar na memória e, ao fazê-lo, participar da construção dessa memória. Outra encenação que cristaliza a emoção dos presentes é a lista de fotografias dos desaparecidos que cobrem as paredes dos museus e as listas de nomes de vítimas recitadas, amplificadas por um microfone, diante de uma multidão reunida. A contextualização e a encenação também são encontradas nas bibliotecas, onde são organizadas sessões de leitura e exposições, às vezes relatadas em um catálogo específico ou na revista municipal.

Por fim, a dimensão testemunhal é particularmente visível no filme dedicado a Oskar Schindler, filho de um industrial austríaco que se mudou para a Polônia depois que a Alemanha

entrou no país em 1939. Graças à intervenção de seu contador, que o alertou sobre a situação dramática dos judeus, ele acabou salvando mais de mil pessoas. Seus nomes foram reunidos em listas destinadas ao campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. O filme de Steven Spielberg (1994) é tanto uma comemoração da deportação e do genocídio judeu quanto um tributo à sua memória. Aqui, a lista não comemora os desaparecidos, mas, ao contrário, por meio dos milhares de nomes de pessoas que foram salvas, reabilita a esperança na humanidade. Ao mesmo tempo, ela é a reabilitação de um povo, o povo austríaco, e de uma classe social, os ricos industriais de armamentos, que deixaram nas memórias a lembrança de seu forte compromisso com os ocupantes nazistas. Nesse contexto, a composição não é uma apropriação indevida do papel que lhe foi atribuído.

## Conclusão

A lista é, portanto, mais complexa de ser elaborada e manipulada do que parece. A dimensão técnica do conceito é a mais visível. Entretanto, os poucos exemplos citados aqui permitem perceber o que está em jogo e de como ela pode ser mal utilizada. Sua abordagem como um dispositivo infocomunicacional traz à tona, além de sua dimensão técnica, suas dimensões memoriais. Como intermediário entre a memória que ela representa e o usuário, ela também é memória, com tudo o que essa noção abrange como expressão de técnicas, testemunhos e questões em um determinado contexto.

De acordo com a tradição biblioteconômica, a fábrica da lista é agora um dispositivo entre a memória e a comemoração, entre a informação e a comunicação. Portanto, ela é um objeto mediador no centro das ciências da informação e da comunicação.

## Notas

(1) REY, A. **Dictionnaire historique de la langue française**. Paris: le Robert, 1995.

(2) Caroline Courbières, Patrick Fraysse e Josiane Senié-Demeurisse para a equipe do MICS no LERASS e Cécile Gardiès e Isabelle Fabre, Unité mixte de recherche Education, formation, travail, savoir.

(3) Acessado em 27 de setembro de 2012.

(4) Como parte do dispositivo de avaliação das unidades de pesquisa, a elaboração de listas de periódicos envolve a consulta a bancos de dados, a coleta de números, o uso de uma grade de critérios preenchida pelo diretor da publicação, a discussão em um comissão da qual participam outros órgãos institucionais (Conselho nacional das universidades, Conselho nacional da pesquisa científica etc.), a elaboração da lista final e sua publicação, a informação aos diretores de periódicos e sua revisão anual para levar em conta quaisquer alterações eventuais.

(5) Para a França, essa é a norma NF 440-05. Références bibliographiques: contenu, forme et structure (Referências bibliográficas: conteúdo, forma e estrutura), dezembro de 1987, com base na norma internacional ISO 690.

(6) “Nas pilhas da Biblioteca (desta ou de qualquer outra), tenho a nítida impressão de que seus milhões de volumes podem, de fato, conter a totalidade da experiência humana: que eles formam não um modelo para o universo, mas um modelo do universo” (Battles, 2003, p. 6).

## Referências

BATTLES, M. **Library an unquiet history**. Reading (G-B): Vintage, 2003. 243 p.

COUZINET, V. Knowledge Organization in Information and Communication Sciences: a French Exception? **Knowledge Organization**, v. 39, n. 4, p. 259-267, 2012.

COUZINET, V. Des pratiques érudites à la recherche: bibliographie, bibliologie. In: **Approche de l'information-documentation: concepts fondateurs**, C. Gardiès (dir). Toulouse: Cepadues éditions, 2011. p. 167-186.

COUZINET, V. Dispositifs info-communicationnels: contributions à une définition. *In: Dispositifs info-communicationnels: questions de médiation documentaire*, V. Couzinet (dir.). Paris: Hermès, Lavoisier, Introduction, 2009. p. 6-17.

ECO, U. **Vertige de la liste**. Paris: Flammarion. 2009. 408 p.

FOUCAULT, M. **Les mots et les choses**: une archéologie des sciences humaines. Paris: Gallimard, 1966. 400 p.

FRAYSSE, P. Effets du système d'information sur l'évolution de la notion de patrimoine. *In: L'information dans les organisations: dynamique et complexité*. Actes du colloque international, Université de Tours, 6-7 avril 2006. Tours: Presses universitaires François Rabelais. 2008. p. 303-314.

FRIEDEN, P. Bibliographie. Etymologie et histoire du mot. **Revue de synthèse**, p. 45-52 et p. 116-119, 1934.

GOODY, J. **La raison graphique**: la domestication de la pensée sauvage. J. Bazin et A. Bensan trad. Paris: ed. de Minuit, 1979. 272 p.

GELLEREAU, M. Témoigner, mises en scène, mises en textes. **Communication et langages**, n. 149, p.45-48, 2006 a.

GELLEREAU, M. Mémoire du travail, mémoire des conflits: comment les témoignages se mettent en scène dans les visites patrimoniales. **Communication et langages**, n. 149, p. 63-75, 2006 b.

INTD-ER; BOULOGNE, A. (coord.). **Vocabulaire de la documentation**. Paris: ADBS, 2004. 334 p.

JEANNERET, Y. **Penser la trivialité**. Paris: Hermès, Lavoisier. Vol. 1: la vie triviale des êtres culturels, 2008. 267 p.

JEANNERET, Y. **Where is Monna Lisa?** et autres lieux de la culture. Paris: Le Cavalier bleu, 2011. 175 p.

MACEDO KERR PINHEIRO, M.; THIESEN, I.; COUZINET, V. Choc informationnel et culture de l'information: quelle formation à l'information? **Sciences de la société**, n. 75, p. 141-158. 2008.

MALCLES, L. **Manuel de bibliographie**. 4. ed. Paris: Presses universitaires de France, 1984. 448 p.

MEYRIAT, J. La bibliographie. *In*: ESTIVALS, R. (dir.); MEYRIAT, J.; RICHAUDEAU, F. (colab.). **Les sciences de l'écrit**: encyclopédie internationale de bibliologie. Paris: Retz. Techniques, 1993. p. 548-553.

PRÉVOTEAU, M.; UTARD, J. **Manuel de bibliographie générale**. Paris: Editions du Cercle de la librairie, 1995. 311 p.

PROVANSAL, A. Bibliographie. *In*: CACALY, S. (dir.). **Dictionnaire encyclopédique de l'information et de la documentation**. Paris: Nathan, 1997. p. 67-71.

RICHTER, N. **Bibliographes et bibliothécaires, 1789-1839**. Pages choisies et commentées. Bernay: Société d'histoire de la lecture, 2007. 54 p.

ROUX, S. **Le document de voyage**: traces et cheminements hybrides comme médiateurs de savoirs. 2012. 278 f. Thèse (Doctorat en sciences de l'information et de la communication) - Université de Toulouse, 2012.

SENIE-DEMEURISSE, J.; ROUX, S.; COUZINET, V. **Revue scientifiques électroniques**: contribution à une analyse de leurs mutations typologiques. EUTIC, Athènes: Gutenber, 2007. p. 343-352.

SUCH, M; PEROL, D. **Initiation à la bibliographie scientifique**. Paris: Promodis, 1987. 303 p.

TROUCHE, D. **Les mises en scène de l'histoire**: approche communicationnelle des sites historiques des guerres mondiales. Paris: L'harmattan, 2010. 210 p.